

## O GÊNERO DIÁRIO DE LEITURAS NO CAMPO DA ATIVIDADE ACADÊMICA

Ângela Alves de Araújo Barbosa (UNICAP - CAPES/PROSUC)  
[aangelaraujo@gmail.com](mailto:aangelaraujo@gmail.com)

**RESUMO:** O presente artigo está fundamentado na teoria/análise dialógica do discurso, aderido à definição de gêneros do discurso advinda do Chamado Círculo de Bakhtin, propondo refletir, a partir de discussões acerca do gênero do discurso, sobre o funcionamento do diário de leituras mediante a compreensão da forma arquitetônica nos gêneros do discurso (BRAIT; PISTORI, 2012). O diário de leituras é um gênero derivado do diário genérico, com características fundamentais de ser dialógico e ser testemunha das leituras e dos diálogos desenvolvidos nas atividades de leituras escolares ou acadêmicas. Objetivamos compreender esse gênero do discurso aplicado no campo da atividade acadêmica e verificar seu funcionamento mediante a arquitetônica, percorrendo o caminho analítico proposto por Ferreira (2020, no prelo). Esse caminho consiste em analisar a arquitetônica mediante a interpenetração e a distinção de contextos valorativos (arquitetônica dialogizada). Os resultados mostram que a arquitetônica constituída no diário de leituras analisado, aplicado no contexto acadêmico, proporciona: (i) o posicionamento do leitor a partir de suas experiências concretas da vida cotidiana; (ii) contraposições e interpenetração de arquitetônicas promovendo a descentralização discursiva do leitor universitário com geração de mudanças discursivas, reflexivas e desenvolvimento de leituras. No âmbito do contexto acadêmico, o diário de leituras favoreceu para esse leitor uma abertura a um diálogo heterogêneo, ao movimento centrífugo ou descentralizador, com o pensamento participativo.

**Palavras-chave:** Dialogismo. Gênero do discurso. Arquitetônica. Diário de leituras. Aluno universitário.

### 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho está fundamentado na teoria/análise dialógica do discurso, aderido à definição sobre os gêneros do discurso por Bakhtin (2016 [1979]), que define esses gêneros a partir de parâmetros não linguísticos, como as condições específicas de produção e suas finalidades (CUNHA, 2005). Consideramos os posicionamentos de Brait e Pistori (2012) acerca da compreensão do funcionamento e da composição do gênero do discurso, não limitada aos três elementos - tema, forma composicional e estilo, que nomeamos neste artigo de arquitetura do gênero, mas ampliada para a forma arquitetônica.

O gênero diário de leituras aplicado no contexto acadêmico é a temática deste estudo, gênero este situado na categoria de gênero simples ou primário, não integrado

nas grandes esferas ideológicas, segundo os parâmetros discutidos por Bakhtin (2016 [1979]). Salientamos que, na discussão desse autor, os gêneros do discurso se modificam historicamente e, mediante os gêneros primários, os gêneros complexos se originam. À vista disto, objetivamos compreender o gênero diário de leituras aplicado no campo da atividade acadêmica através da análise da forma arquitetônica e verificar o seu funcionamento.

A problematização deste estudo está voltada para a questão levantada por Brait e Pistori (2012) acerca do ensino do gênero do discurso, filiado à perspectiva bakhtiniana, que restringe a compreensão deste pelos três elementos constituidores – a arquitetura do gênero, mas deixam à margem o elemento que perpassa toda a obra de Mikhail Bakhtin, como também perpassa as obras de Valentin Nikolaevich Volóchinov e de Pável Nikoláievitch Medviédev. Esse elemento é a valoração, integrada à categoria axiológica a qual é lente de refração das pessoas participantes de cada campo da atividade humana, ou seja, a arquitetônica.

Além disso, o diário de leituras tem uma pertinência por ser um gênero do discurso “marginal” para contextos institucionais, isto é, por ser do tipo de gênero simples, enquadrado no tipo de diário genérico, não fazendo parte do rol dos gêneros acadêmicos reconhecidos e prestigiados. Neste caso, há uma significativa resistência por parte dos professores universitários em integrá-lo como uma ferramenta pedagógica e/ou apresentá-lo como um gênero alternativo para orientar e desenvolver as leituras e as práticas discursivas dos alunos ingressantes na universidade, do primeiro período acadêmico.

Justificamos, portanto, a análise arquitetônica do diário de leituras aplicado no contexto acadêmico para contribuir para a ampliação da compreensão desse gênero, na perspectiva do dialogismo, e para que os resultados aqui alcançados contribuam também para o social, promovendo uma reflexão por parte dos professores universitários acerca da aplicação desse gênero nas suas salas de aulas, presenciais e/ou virtuais, para o desenvolvimento da leitura de textos/discursos de difícil compreensão pelos alunos recém-chegados na universidade.

Ainda justificamos, mediante a afirmação de Bakhtin (2016 [1979]), que para compreendermos os gêneros secundários ou complexos das grandes ideologias ou esferas ideológicas, faz-se necessário compreender os gêneros simples ou primários por meio de um estudo de relação entre os gêneros.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Na obra de Bakhtin, *os gêneros do discurso*, os enunciados concretos e únicos e suas formas, estão referidos como reflexos de condições e finalidades de cada campo da atividade humana, proferidos pelos participantes de cada um desses campos. Nessa obra, é elaborada a definição do gênero do discurso como “*tipos relativamente estáveis* de enunciados” elaborados por “cada campo de utilização da língua” (BAKHTIN, 2016 [1978], p. 12).

As condições específicas e as finalidades de cada esfera ideológica compõem cada conjunto de enunciados mediante três elementos inseparáveis, que são: o conteúdo, o estilo de linguagem, com uma ênfase dada por Bakhtin à estrutura composicional, assim,

Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo de linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, **acima de tudo, por sua construção composicional**. (BAKHTIN, 2016 [1978], p. 11-12, grifo nosso).

Brait e Pistori (2012) apontam que a forma arquitetônica determina a estrutura composicional, pois “o conceito de gênero não se limita a estruturas ou textos, embora os considere como dimensões constituintes. Implica, essencialmente, dialogismo e maneira de entender e enfrentar a vida” (BRAIT; PISTORI, 2012, p. 375). As autoras explicam que a forma arquitetônica é o plano textual interno, “ou seja suas posições dialógicas e valorativas” (BRAIT; PISTORI, 2012, p. 378), o que retoma o princípio da alteridade - eu para mim, eu para o outro, o outro para mim. Esse princípio está presente “nos textos, nos discursos, nos gêneros” (BRAIT; PISTORI, 2012, p. 378).

A diferença entre a forma arquitetônica e a forma composicional está nas suas dimensões, denominadas pelas autoras de interna e externa, estando nesta última a forma composicional. Essas duas dimensões se complementam, pois uma não exclui

a outra. Assim, recorrendo a Faraco (2009), as autoras tratam a arquetônica como a forma que “governa a construção da massa verbal, a construção da **forma composicional**, incluindo a seleção do material verbal pensado como linguagem situada” (BRAIT; PISTORI, 2012, p. 378, grifo das autoras).

De acordo com Ferreira (2020, no prelo),

na arquetônica, os mundos concretamente individuais, irrepetíveis, incluem momentos comuns, não no sentido de conceitos universais ou leis. [...] a arquetônica concreta do mundo real é construída nos momentos básicos centrais das relações entre o eu-para-mim, o outro-para-mim e o eu-para-o-outro, que dispõem em torno de si e em torno do ato realizado, todos os valores da vida e da cultura [...].

Concluindo-se que

Disso, depreende-se que, ao analisar a arquetônica concreta de um mundo individual concreto, do Ser-evento real, analisa-se, conseqüentemente, a totalidade de valores válidos para toda a espécie humana, que é afirmado quando o ser afirma a própria unicidade – dever para o qual não tem álibi. (FERREIRA, 2020, no prelo).

Nestes termos, refletimos acerca do gênero diário de leituras relacionando o mundo individual concreto do leitor aos valores avaliados e reconhecidos no âmbito social, cultural e ideológico, ou seja, os novos campos de atividade humana os quais o leitor universitário está se apropriando, que aqui serão dois campos: o acadêmico e o científico.

## 2.1 Breve definição do gênero diário de leituras

O gênero diário de leituras tem por finalidade auxiliar leituras, com potencial para o desenvolvimento do leitor em frente às dificuldades de leituras de gêneros complexos das grandes esferas ideológicas, de dado campo da atividade humana (BARBOSA, 2014). Machado (1998) define o diário de leituras como um gênero do discurso que testemunha leituras pelo fato de registrar dúvidas, inquietações, diálogos consigo mesmo, com o autor ou com outras vozes, ou seja, tem por característica ser dialógico.

Derivado do diário genérico, a prática do diário de leituras assemelha-se ao funcionamento da escrita de exercício pessoal integrado à meditação como também

registros de impressões e de confissões (MACHADO, 1998). De acordo com a autora, a historicidade do diário apresenta mudança e transformação, com geração de diários de diferentes naturezas relacionados às práticas de atividades humanas emergentes.

As mudanças históricas e sociais influenciam e determinam a formação e/ou geração de um novo gênero a partir do primário (genérico), como registrado na prática diarista, imposta no século XIX e pelas mudanças ocorridas naquele século porque este tipo de escrita de diários tornou-se uma prática diarista, em que as pessoas buscavam resolver suas identidades e construir histórias de si mesmas. Com o advento da internet, o gênero diário de natureza intimista transforma-se, tornando público esse intimismo pertinente para a coletividade, divulgado e exposto às redes da internet, a princípio mais comumente no suporte do blog (KOMESU, 2004).

Diante disso, duas características limites são apresentadas no diário: (i) o produtor escreve para si mesmo, por vezes, com objetivos não muito claros para si; (ii) o produtor fala para outros ausentes/imaginários de maneira dialogada, sendo, portanto, um gênero predominantemente dialógico, como afirma Machado (1998). Assim, esse gênero do discurso também testemunha os diálogos desenvolvidos nas atividades de leituras.

O diário de leituras que analisamos é de autoria de um aluno recém-ingresso na universidade, produzido na plataforma de um blog intitulado *afetos e emoções*, com o propósito acadêmico de registrar suas leituras acerca de um livro composto por conceitos e discursos do campo da psicanálise, como veremos na seção de metodologia.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia adotada foi qualitativa, com delineamento interpretativo. O corpus está constituído por um diário de leituras desenvolvido no *Blog Afetos e Emoções*, de domínio público, criado por um aluno do curso de Pedagogia, turno noturno, primeiro período, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), como atividade atribuída pela disciplina para todos os alunos. Mesmo estando em domínio público, optamos em adotar um nome fictício para esse aluno no nosso trabalho

dissertativo anterior (Lean), e permanece no presente trabalho. O blog<sup>1</sup> em questão encontra-se disponível para acesso público, mas desativado.

O diário de leituras aqui analisado é um recorte de um dos diários de nossa dissertação aprovada pelo Comitê de Ética, parecer número 296.765, que considerou o trabalho não com seres humanos, mas como uma análise documental por estar em um blog de domínio público. A nossa análise, portanto, no presente trabalho, está voltada para a análise dialógica do discurso, ao que se refere ao gênero do discurso, diferentemente da análise realizada na dissertação, a qual estava circunscrita em outra temática, em outra perspectiva teórica e em outro campo do saber.<sup>2</sup>

O critério de seleção do corpus foi um diário produzido no contexto de atividade acadêmica. O texto base da leitura foi o livro intitulado *Conceitos da Psicanálise – Afetos e Emoções*, de autoria de Graham Music (2005). Adotamos a proposta de Ferreira (2020, no prelo), que desenvolve uma análise da arquetônica em leituras de textos escritos pelos eixos valorativos. As orientações de Brait e Pistori (2012), quanto a arquetônica nos gêneros do discurso, dialogam com o desenvolvimento de nossa análise.

## 4 ANÁLISE DOS DADOS

### 4.1 Análise da arquetônica do diário de leituras em contexto acadêmico/universitário

Ferreira (2020, no prelo), em sua proposta analítica, situa a contraposição de valores como contraposições de movimentos das forças centrípetas e centrífugas, em que movimento centrífugo impulsiona o movimento de negação e/ou oposição, descentralizando o discurso corrente. Para a formação da arquetônica, ocorre a interpenetração e distinção de contextos valorativos e, dessa maneira, há a dialogização desses contextos valorativos, ou o que a autora denomina de arquetônica dialogizada.

O diário de leituras, selecionado para a análise, está intitulado de “o que pensaram?”, ou seja, o que o leitor pensou durante o processo da leitura do livro. Esse

<sup>1</sup> Disponível em: [afetoeemoco.es.blogspot.com.br](http://afetoeemoco.es.blogspot.com.br)

<sup>2</sup> As afirmações podem ser confirmadas em Barbosa (2014) na dissertação intitulada *O agir de produções de sentidos no processo de interpretação em diários de leitura/blog por estudante universitário*.

título foi um questionamento da professora da disciplina, com valor de palavra institucional percussora e orientada para o aluno, com um funcionamento participativo dessa professora no desenvolvimento do diário, promovendo uma abertura para o diálogo.

Partindo do plano do diálogo (BRAIT; PISTORI, 2012) com as esferas ideológicas apresentadas na constituição desse diário de leituras, podemos identificar a tessitura de uma interrelação dialógica com o discurso da psicanálise de Freud, com o discurso institucional acadêmico e com a ideologia do cotidiano, a partir do lugar único, singular do leitor/autor do diário, através do seu ato de pensamento participativo e integração de experiências concretas de vida. No diário abaixo, podemos identificar esse plano de diálogo:

#### O que pensaram?

Anteriormente a leitura do livro, não sabia o que estava por vir. Imaginava um assunto complexo e fora de nossa realidade. Descobri que não era nada disso que eu havia pensado. Pude compreender que através de fatos e/ou experiências vividas por pessoas e crianças a psicanálise pode explicar vários acontecimentos em nossas vidas. Os sentimentos e emoções são próprios do ser humano, alguns demonstram suas emoções de forma natural, outros demonstram sem controle e alguns nem demonstram. O livro aborda isso com clareza.

Após ler o livro, livre-me de meus preconceitos sobre a psicanálise e pude absolver melhor esse assunto tão rico e presente nas nossas vidas. Nos levando a uma auto-reflexão e observação melhor das coisas que antes passavam despercebidas.

**Lean**

Fonte: Barbosa (2014)

Essas esferas discursivas que compuseram esse diário de leituras representam arquitetônicas, ou mundos concretos, orientados por valores e/ou ideologias distintas. Essas três arquitetônicas identificadas no plano discursivo são: (i) “o que pensaram ao ler o livro?” (arquitetônica universitária/acadêmica); (ii) “sentimentos e emoções”

(arquitetônica psicanalítico/científico); (iii) “presentes em nossas vidas” (ideologia do cotidiano/experiências de vida).

No plano discursivo da arquitetura científica pela psicanálise, a constituição discursiva apresenta-se em um eixo valorativo das ciências da saúde, de ordem conceitual, com referência às patologias investigadas nesse campo. Para efeito de acesso ao discurso lido, segue o excerto da contra capa do livro abaixo:

a) “Este livro examina como a psicanálise esclarece os aspectos emocional e afetivo das pessoas. Mostra com exemplos cotidianos que as primeiras experiências podem influenciar a capacidade emocional e que os padrões de relacionamento se tornam arraigados e se repetem, quase sempre inconscientemente. (apresentação de contracapa do livro); Freud mostrou que as recordações de acontecimentos traumáticos está [estão] intimamente ligada [s] aos sentimentos.” (p. 7).

b) “Graham Music analisa as principais questões emocionais da vida e o modo de evitar o sentimento de perda e a melancolia. Certas pessoas passam a vida negando os sentimentos, outras não conseguem controlar as emoções e outras parecem incapazes até de sentir. (apresentação de contracapa do livro); Neste ensaio, examino como as pessoas superam ou não os vários desafios da vida emocional, como as emoções podem ser, por exemplo, negadas, guardadas, temidas, usadas defensivamente, afastadas ou transformadas em doença, e o que a psicanálise diz dos desafios apresentados pela nossa afetividade.” (p. 11).

c) “A auto-reflexão – pensar nos sentimentos é entendê-los – desempenha aí um papel fundamental. A idéia de auto-reflexão pressupõe um eu que consiga refletir sobre si mesmo. Algumas pessoas, como as hipersensíveis já mencionadas, têm uma noção bem pequena do próprio eu. (p. 74). (...) Já se disse que a psicanálise e as terapias afins são as únicas que procuram promover e desenvolver essa capacidade para a auto-reflexão, para dar sentido às variações da vida e ponderar sobre elas. Uma terapia assim (...) deve criar pessoas mais capazes de interpretar os sinais dos processos inconscientes, mas capazes de tolerar e vivenciar uma profundidade e uma amplitude genuínas na vida emocional, mais capazes de lidar com as vicissitudes da intimidade, da dor, da alegria e também dos fatos corriqueiros, pessoas cuja vida seja, portanto, consideravelmente mais rica.” (p. 75).

Fonte: Graham Music (2005) apud Barbosa (2014)

Identificadas essas arquitetônicas, seguiremos para a interpenetração e a distinção de contextos neste diário de leituras.

#### 4.1.1 Interpenetração e distinção de contextos no diário

Partido da orientação analítica de Ferreira (2020, no prelo), nesse diário de leituras, os eixos valorativos e o movimento centrífugo de descentralização do leitor, apresentam os **movimentos contrários** nas fronteiras espaço-temporal de (i) anterioridade à leitura do livro e (ii) posterioridade à leitura, impulsionados no contexto acadêmico por meio da arquitetura universitária representada pelo título. Nesta dinamicidade, segue a **contraposição de valores** nas arquitetônicas a partir do lugar desse leitor.

- a) A contraposição valorativa está na experiência da vida cotidiana do leitor, com a complexidade discursiva da esfera científica ou, neste caso, a visão da psicanálise sobre os sentimentos e emoções humanas: “eu não sabia o que estava por vir. Imaginava um assunto complexo e fora de nossa realidade.”
- b) O objeto de estudo, as patologias e os conceitos da psicanálise se contrapõem aos conceitos da ideologia do cotidiano, lugar em que o leitor interage: “[...] através de fatos e/ou experiências vividas por pessoas e crianças a psicanálise pode explicar vários acontecimentos em nossas vidas. Os sentimentos e emoções são próprios do ser humano alguns demonstram suas emoções de forma natural, outros demonstram sem controle e alguns nem demonstram.”

A interpenetração das arquitetônicas se dá, pois, na dialogicidade das distinções, no contanto das arquitetônicas, em que o leitor modifica sua compreensão quanto ao que era anterior à leitura e após a leitura na dinamicidade que o diário possibilita. Essa modificação implica descentralização: “[...] librei-me dos meus preconceitos sobre a psicanálise. [...] Nos levando a uma autorreflexão e observação melhor das coisas que antes passavam despercebidas.” Portanto, é constituída uma arquitetura do mundo concreto da experiência leitora, no contexto acadêmico, que integra movimentos que desenvolve um diálogo com um outro discurso ideológico complexo (Psicanálise de Freud) e com o outro que representa a esfera acadêmica (a professora).

## 5 RESULTADOS OBTIDOS

Os resultados apontam que a arquitetônica do diário de leituras é constituída da interpenetração da ideologia do cotidiana, (i) base primária do diário; (ii) a ideologia acadêmica, base secundária, lugar de formação do aluno, o novo mundo concreto no vir-a-ser; (iii) a ideologia científica, terceira base, constituída pela atividade de leituras. As contraposições valorativas das arquitetônicas, mobilizam no diário as forças centrípetas e centrífugas, com interpenetração dessas arquitetônicas ou dialogismo das arquitetônicas, que proporcionou a descentralização de um pensamento anterior à leitura firmado em preconceitos, e gerou transformação.

Quanto a aplicação do diário de leituras no contexto acadêmico, foi propiciado ao leitor colocar-se a partir de suas experiências concretas da vida do cotidiano na interrelação com a leitura de um texto/discurso de outra esfera ideológica complexa, a científica (psicanálise). O funcionamento do diário de leituras esteve relacionado com o desenvolvimento leitor do aluno, no primeiro semestre do curso de formação universitária.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No âmbito do contexto acadêmico de leituras, o gênero diário de leituras favoreceu um diálogo heterogêneo, uma abertura para o movimento centrífugo, ou seja, o movimento de negação, oposição e mudança - o movimento descentralizador. O pensamento participativo do leitor é notadamente demarcado, com posicionamento axiológico, em embate com outros valores constituídos pelas arquitetônicas ou mundos concretos que circundam o tempo-espço da leitura. A potencialidade desse gênero para o desenvolvimento leitor, poderá auxiliar os universitários, períodos iniciais de formação, nos primeiros contatos com leituras complexas.

Diante disso, esperamos ter contribuído para a reflexão desse gênero, funcionalidade, e compreensão arquitetônica na interrelação com diversos eixos valorativos ou dialogização arquitetônica, de maneira que possamos ver o plano do gênero com movimento, dinamicidade, além da planificação de arquitetura.

## Referências

BAKHTIN, MIKHAIL. [1978]. Os gêneros do discurso. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BARBOSA, Ângela Alves de Araújo. O agir de produção de sentidos no processo de interpretação em diários de leitura/blog por estudante universitário. 2014. 156 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Cognitiva) - Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

BRAIT, Beth; PISTORI, Maria Helena Cruz. A produtividade do conceito gênero em Bakhtin e o círculo. **Alfa: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 56, n. 2, p. 371-401, 2012. Disponível em <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/5531/4343> DOI: 10.1590/s1981-57942012000200002.

CUNHA, Dóris de Arruda Carneiro da. O funcionamento dialógico em notícias e artigos de opinião. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. 4 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. Cap. 4 (parte II), p. 166-179.

FERREIRA, Sandra Patrícia Ataíde. A produção de sentido de texto literário em sala de aula por estudantes portugueses do 2º ano do 1º Ciclo da Escola Básica: uma proposta de análise da dinamicidade das vozes nas fronteiras dos enunciados. **Polifonia**. No prelo.

GRAHAM, Music. **Conceitos da psicanálise – afetos e emoções**. Editora Viver, 2005.

Machado, Ana Raquel. **O diário de leituras: a introdução de um novo instrumento na escola**. 1ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

KOMESU, Fabiana. Blogs e as práticas de escrita sobre si na internet. In: MARCUSCHI, Luiz Antonio; XAVIER, Antonio Carlos (Orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p. 110-119.